

Os paradoxos da imigração entre bolivianos em São Paulo: moradia provisória e a produção da alteridade

*Fabio Martinez Serrano Pucci**

1 INTRODUÇÃO (À GUIA DE METODOLOGIA)

Para esta pesquisa foram selecionados dois bairros do Município de São Paulo: Brás e Pari, no Centro, e Grajaú, na Zona Sul. A escolha se justifica por se tratarem de concentrações distintas de bolivianos.

Adotou-se, como estratégia de inserção no campo, o estabelecimento de contato com associações de moradores, com instituições religiosas, de assistência a imigrantes, organizações não-governamentais (ONGs) e as governamentais. Então, realizaram-se entrevistas semiabertas com 22 imigrantes, além de alguns vizinhos e profissionais de saúde que vivem e/ou trabalham nestes distritos. Entrevistaram-se bolivianos de ambos os sexos e com diferentes idades e tempo de permanência no país.

Solicitou-se aos entrevistados, ao final da entrevista, que indicassem conhecidos seus que pudessem responder à pesquisa. Os nomes dos entrevistados foram mantidos em sigilo. As entrevistas foram realizadas somente após esclarecer-se ao entrevistado sobre os objetivos da pesquisa e obter-se o seu consentimento livre.

2 PERFIL DO TRABALHADOR BOLIVIANO NO BRASIL E SUAS CONDIÇÕES SOCIOCULTURAIS – MORADIA E ALTERIDADE

A imigração de bolivianos para São Paulo tem início em 1950, formada principalmente por profissionais liberais. É a partir de 1980 que passam a chegar no país como mão de obra não qualificada, principalmente no ramo da costura, para trabalhar com os coreanos (SILVA, 1997). Aos poucos, os bolivianos começaram a se tornar proprietários e a empregar os seus compatriotas. No entanto, é sabido que muitos deles são explorados pelos próprios compatriotas. Muitos acabam por trabalhar e viver em moradias muito precárias por períodos às vezes maior do que um ano.

**Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Doutorando em Sociologia na UFSCar.*

Segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE), há 21.680 bolivianos em São Paulo, o que representa o segundo maior grupo de imigrantes, depois dos portugueses (ver Tabela 1). No entanto, há que se ressaltar que estes números subestimam o número real de imigrantes, uma vez que os indocumentados não costumam responder ao Censo.

Tabela 01 – População de estrangeiros residentes no Município de São Paulo em 2000 e 2010

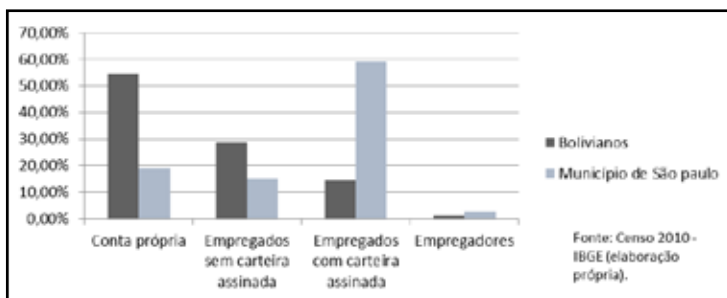
Nacionalidade	Censo 2000		Nacionalidade	Censo 2010	
	Nº Absoluto	%		Nº Absoluto	%
Portugueses	63.273	32,34	Portugueses	35.212	23,3
Japoneses	22.003	11,25	Bolivianos	21.680	14,3
Italianos	19.789	10,12	Japoneses	13.065	8,6
Espanhóis	13.779	7,04	Italianos	10.017	6,6
Bolivianos	7.723	3,95	Chineses	9.600	6,4
Coreanos	7.030	3,59	Espanhóis	7.891	5,2
Chineses	6.619	3,18	Coreanos	7.054	7,7

Fonte: Censo 2000 (IBGE apud VÉRAS, 2003b) e Censo 2010 (IBGE, elaboração própria).

2.1 Condições de Trabalho

Ainda segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE), 65,5% dos bolivianos são operadores de máquinas de costura. Menos de 15% desses imigrantes possuem carteira assinada, o que é o caso de 59% dos moradores do Município de São Paulo (ver gráfico 01, abaixo). Assim, a maior parte dos bolivianos trabalha como “conta própria” (54,75%) ou como “empregados sem carteira assinada” (29,92%).

Gráfico 01 – Condição do trabalhador boliviano e do MSP



Estes dados refletem uma característica do ramo da costura: a subcontratação de mão de obra e a terceirização dos serviços. Se antes havia grandes indústrias que contratavam centenas de costureiras(os), após a reestruturação produtiva tornaram-se cada vez mais comuns pequenas oficinas com menos de 10 pessoas trabalhando. Disto resulta maior precariedade da mão de obra. A renda média de um boliviano é de R\$ 1.280,00, enquanto os paulistanos ganham em média R\$ 2.086,00 (Censo Demográfico de 2010).

“Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p. 54). Este é precisamente o caso dos bolivianos que emigram para o Brasil com o intuito de trabalhar horas a fio, durante anos, até juntarem um dinheiro e retornarem para a Bolívia. Há relatos de bolivianos que trabalham até 16 horas por dia. Os agentes de saúde revelam que é muito raro um boliviano procurar um posto de saúde, mesmo quando estão doentes, pois querem continuar trabalhando ininterruptamente. Além disso, pode-se dizer que o trabalho é motivo de orgulho para eles:

Porque nós aqui, na América do Sul, nós somos conhecidos como raça de bronze, porque gostamos de trabalhar. Se você fizer alguma pesquisa por aqui, você não vai achar um boliviano que seja preguiçoso. O boliviano gosta de trabalhar mesmo. (Rodriguez, boliviano, dono de um empreendimento no Brás, há 33 anos no país).

A outra questão colocada é a de que este trabalho do imigrante é visto como temporário e provisório, tanto por ele quanto pela sociedade receptora. Segundo Sayad (1998), a “ilusão do provisório” é fundamental para que o imigrante se conforme com a condição na qual se encontra. Ele só pode aceitar a sua condição de trabalho e moradia degradantes enquanto vê-las como situações provisórias. Ele não suportaria a imigração se admitisse para si mesmo que é uma condição definitiva. Assim:

[...] essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse ‘provisório’ possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal. (SAYAD, 1998, p.46).

2.2 Contexto da Moradia

Em relação à moradia, apenas 41,5% dos bolivianos vivem em “moradias adequadas”¹, contra 64,3% no MSP (Censo 2010). Além disso, dois terços deles trabalham no mesmo lugar em que residem. O depoimento a seguir de uma agente de saúde descreve bem as condições de moradia dos bolivianos em São Paulo:

Olha, é uma casa que você entra, você mal consegue passar num corredor, porque além de bicicleta tem máquina de costura, tecido, saco de batata, saco de cebola e quando você entra pela sala principal, várias máquinas, são várias pessoas trabalhando ao mesmo tempo, você passando, você vai ao quarto, são dois quartos, aí tem várias divisórias. Às vezes com madeira e às vezes cortina de pano, onde tá um casal numa cama de casal, outra cama de casal, mais uma cama de casal e um pequeno espaço para o bebê dormir. Então, a maioria são assim. (Jéssica, agente de saúde do programa Estratégia Saúde da Família, no bairro do Brás)

As condições precárias de moradia também são suportadas pelos bolivianos apenas por conta da “ilusão do provisório”:

Residente provisório por definição, o imigrante só deve ser alojado provisoriamente; trabalhador pobre, só deve ser alojado pobremente. Entretanto, posto que o caráter provisório do imigrante e de sua imigração não passa de uma ilusão coletivamente mantida, ele permite a todos que se sintam contentes com a habitação precária degradada e degradante, que se atribui ao imigrante. (SAYAD, 1998, p. 78).

A seguinte fala de uma boliviana ilustra bem essa condição: “[...] porque o moço que trouxe a gente nos fez morar em um porão, que ele tinha muitos bolivianos que também moravam aí. Que o porão estava dividido por papelão.” Quando um imigrante é recém-chegado, ele ainda não criou as redes sociais necessárias para transitar entre a sociedade receptora. Ele se sente perdido e sem laços sociais que lhe permitam buscar alternativas para o contexto de trabalho e moradia em que se encontra. Assim, essa fala ilustra um recém-chegado que não conhece ninguém além do parente que lhe ofereceu este porão para morar. Não obstante, na entrevista ela afirma que, antes de vir ao Brasil esse parente não havia lhe dito que viveria nessas condições. Portanto, ao chegar aqui se depara com algo que não lhe foi vendido. Porém, como não pode se amparar em nada, acaba por aceitar estas condições.

Ela acaba por se contentar com uma moradia que lhe é apresentada como provisória, embora esse provisório se estenda indefinidamente, assim como a imigração. O imigrante chega ao país pensando em ganhar um dinheiro e retornar à terra natal, mas acaba adiando estes planos indefinidamente (SAYAD, 1998).

No caso dos bolivianos, percebe-se que boa parte deles opta por residir em moradias alugadas. No caso do bairro do Brás, costumam habitar cortiços que muitas vezes são galpões com divisórias de madeira, formando pequenos espaços que são subalugados. É difícil um boliviano alugar uma casa no Brás, uma vez que a oferta é pequena e a procura muito grande. Já no caso do Grajaú, encontram maior oferta de aluguel, por preços mais baixos. Além disso, alguns optam pela autoconstrução. Isto revela que os bolivianos se tornam verdadeiros “nômades urbanos” (VÉRAS, 2003), residindo ora aqui, ora ali. A trajetória desses imigrados revela que estão frequentemente mudando de moradia, pois a especulação imobiliária torna inviável a permanência no centro da cidade e os impele a buscar moradias cada vez mais distantes.

Também é possível perceber que esses imigrados evitam adquirir uma casa própria, não apenas por não conseguirem acessar crédito imobiliário, mas também porque a ideia do retorno está sempre presente para eles. Dessa maneira, o boliviano vive como um provisório que se eterniza, impedindo que se realizem projetos de maior importância (CHAMPAGNE, 2012), como a aquisição de uma casa própria.

Os entrevistados afirmam que o que os manteve no Brasil foram os filhos que cresceram aqui. Assim, os bolivianos revelam que a aquisição da casa própria está relacionada ao desejo de oferecer estabilidade aos filhos. Pode-se dizer, portanto, que a “ilusão do provisório” (SAYAD, 1998) é suspensa quando os bolivianos pensam na estabilidade de seus filhos. Nesse momento, torna-se mais plausível que eles realizem projetos de maior importância, como a aquisição de uma casa própria.

2.3 AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE COM A SOCIEDADE RECEPTORA

No que tange à relação entre bolivianos e seus vizinhos brasileiros, percebe-se que estes aceitam aqueles apenas na medida em que eles não promovam festas ou manifestem a sua cultura. O preconceito para com os bolivianos se revelou mais forte justamente onde eles manifestam mais a sua cultura, que é o caso do centro da cidade. A principal reclamação é a de que as festas são barulhentas, com muita bebida, e que atrairiam bandidos.

Nesse sentido, a presença dos bolivianos é vista pelos antigos moradores do Brás como uma ameaça à sua identidade grupal. Passam, então, a recorrer à estigmatização como uma maneira de afirmar sua suposta superioridade sobre estes recém-chegados:

Eles ainda estão com aquelas origens das tribos indígenas que eles são. Os maias, né, origem dos maias. Das tribos, né. (Valdinês, vizinho brasileiro do Pari, aposentado).

(...) povo de cultura indígena não tem o mesmo tipo de formação – acadêmica – do que nós – você, que talvez seja um estagiário, como eu que já me aposentei e trabalhei muito na minha vida. (Valdinês, vizinho do Pari, aposentado).

Estas falas revelam um desconhecimento da cultura boliviana, que não guarda nenhuma relação com os maias. Os entrevistados associam os bolivianos aos indígenas como uma forma de desqualificá-los. Dessa maneira, apontam os bolivianos como *outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000) responsáveis por todos os problemas do bairro. Os vizinhos “estabelecidos”, portanto, colocam a sua “indignação e protesto contra o fato de serem obrigados a suportar uma coabitação sentida como degradante, humilhante, com uma população degradada, desprezada, depreciada” (SAYAD, 2012, p. 36).

Mais do que isso, essas falas revelam um “novo racismo” (WIEVIORKA, 2006):

[...] o “novo racismo” descreve diversos grupos a partir de suas particularidades culturais que os constituem como subconjuntos considerados inassimiláveis, perigosos e nocivos, prontos a espezinhar os valores morais da nação e a abusar dos sistemas que ela elaborou para assegurar a seus membros uma certa solidariedade. (WIEVIORKA, 2006, p. 169).

A associação dos bolivianos com os indígenas, feita por esses vizinhos, tem como objetivo apresentá-los como inassimiláveis e perigosos para os valores morais dos brasileiros. Assim, os vizinhos os toleram desde que eles se mantenham segregados e distantes.

Além disso, há também muitos casos de vizinhos que reclamam que os bolivianos estão ocupando o lugar dos brasileiros em creches e postos de saúde:

A gente vai nos hospitais aí, só tem boliviano, cheio. A gente quase não vê brasileiro aqui na (...) posto [de saúde]. Você vai aí só vê boliviano, boliviano, boliviano. (...) Eu acho que tinha que ter os hospitais pra nós brasileiros. Boliviano deve ir lá pra Bolívia. Tá cheio. E não é só boliviano não. Esses africanos aí também tá cheio, cheio, cheio. Esse povo que vem se refugiar aqui no Brasil. (Josefa, vizinha brasileira do Brás, há 07 meses no bairro)

Eu acho que eles são tratados iguais à gente aqui. Porque vaga nas escolas eles arrumam. Pelo menos na sala dos meus filhos, dos dois, né. O pequeno tá na creche. A creche tem mais bolivianos do que brasileiro. O outro também tá na terceira série agora. Tem mais boliviano do que brasileiro. O que eu acho também que é um absurdo, que às vezes uma brasileira tem um filho, fica dois, três anos aguardando vaga numa creche e não consegue, né. E os bolivianos vêm assim e já conseguem rápido. (Maria, vizinha do Brás, há 10 anos no bairro)

É neste momento, então, que se desvendam os “paradoxos da alteridade” (SAYAD, 1998): a sociedade receptora aceita os imigrantes aqui apenas enquanto eles trabalharem. Mas não toleram sua presença quando ocorrem situações como o desemprego ou a utilização de serviços públicos, como hospitais e creches, quando há, então, reações xenófobas. Portanto, ela tolera o imigrante com a condição de que ele “se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele” (SAYAD, 1998, p. 55).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos bolivianos se concentra no ramo da costura, sem carteira assinada, com salários baixos e em condições precárias. Os resultados demonstram a centralidade do trabalho na vida desses imigrados.

Há conjugação da moradia com o trabalho na maior parte dos casos. As moradias são muito precárias e consistem em cortiços (principalmente no Brás) e casas alugadas (tanto Brás quanto Grajaú).

A “ilusão do provisório” (SAYAD, 1998) permite aos bolivianos contentarem-se com as condições precárias de moradia e trabalho. A ideia do retorno à Bolívia está sempre presente, o que explica a prioridade do aluguel. Assim, o provisório se eterniza, impedindo projetos de alguma importância (CHAMPAGNE, 2012), como a aquisição de uma casa própria.

No entanto, estes projetos de maior importância se viabilizam nos casos em que os bolivianos querem oferecer estabilidade para os filhos, pois desejam que a segunda geração seja integrada à sociedade receptora.

Os bolivianos são tolerados por seus vizinhos desde que se restrinjam à condição de trabalhadores temporários. No entanto, eles são estigmatizados quando realizam suas festas, manifestam sua cultura, utilizam os serviços públicos de saúde e educação, e quando a crise econômica leva brasileiros a concorrerem com eles por vagas de trabalho.

NOTAS

¹ Somam-se, aqui, os subgrupos “Chineses Continente” e “Chineses Formosa”, de modo a formarem uma única nacionalidade e poder, assim, compará-los aos dados do Censo de 2010.

² O IBGE “considera como adequado o domicílio particular permanente com abastecimento de água por rede geral, esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta e com até dois moradores por dormitório.” (IBGE, 2004, s.p.).

REFERÊNCIAS

CHAMPAGNE, P. Uma família integrada. In: BOURDIEU, Pierre (org.) **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012. pp. 103-16

ELIAS, N. e SCOTSON, J. **Estabelecidos e outsiders**. São Paulo: Zahar, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dimensão social: habitação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursos_naturais/indicadores_desenvolvimento_sustentavel/habitacao.pdf> . Acesso em 07 de abril de 2014.

PUCCI, F. M. S. **Viver “outramente”**: moradia, condições de vida e a produção da alteridade dos bolivianos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC-SP, 2016.

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. Uma família deslocada. In: BOURDIEU, P. (org.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012. pp. 35-52.

SILVA, S. A. da. **Costurando Sonhos** – Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

VÉRAS, M. P. Bicudo. Novos nômades urbanos na cidade contemporânea: desigualdade e exclusão sociais. In: CHAIA, M.; SILVA, A. A. da (orgs.). **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: EDUC, 2003. pp. 323-367.

_____. (coord.). Estrangeiros na metrópole: a produção da alteridade, cultura e territórios em São Paulo. **Relatório de Andamento da Pesquisa Estrangeiros na metrópole**. São Paulo: CNPq, 2003b.

_____. **DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2003c. pp. 323- 367.

WIEVIORKA, M. **Em que mundo viveremos?** Trad. Eva Landa e Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RESUMO

A partir de pesquisa empírica realizada em dissertação de mestrado (PUCI, 2016), analisam-se os seguintes eixos da imigração boliviana em São Paulo: trabalho; moradia e a produção da alteridade. Procura-se, então, articular os dados da pesquisa com os conceitos de “centralidade do trabalho” e “ilusão do provisório” (SAYAD, 1998). Em relação à moradia, busca-se articular as noções de “moradia da pobreza” e “nomadismo urbano” (VÉRAS, 2003) da presença boliviana com a de “provisoriedade” (SAYAD, 1998). No que tange à sociedade receptora, busca-se desvendar os “paradoxos da alteridade” (SAYAD, 1998) a partir da fala de vizinhos bolivianos. Por fim, para compreender as relações de alteridade, utiliza-se como referência o pensamento de Elias & Scotson (2000) para refletir sobre a relação entre “estabelecidos e *outsiders*”. De maneira sucinta, portanto, o principal objetivo deste trabalho é identificar, analisar e estabelecer relações entre a constituição de territórios bolivianos na cidade, as diferentes soluções precárias de moradia da pobreza e as relações de alteridade com a sociedade receptora.

Palavras-chave: bolivianos, moradia da pobreza, alteridade.

ABSTRACT

From empirical research conducted in Master's thesis (PUCI, 2016), we analyze the following axes of Bolivian immigration in São Paulo: work; housing and the production of otherness. We then seek to articulate the research data with the concepts of “centrality of work” and “illusion of the provisional” (SAYAD, 1998). Regarding housing, we seek to articulate the notions of “poverty dwelling” and “urban nomadism” (VÉRAS, 2003) of the Bolivian presence with that of “provisionality” (SAYAD, 1998). Regarding the receiving society, we seek to unveil the “paradoxes of alterity” (SAYAD, 1998) from the speech of Bolivian neighbors. Finally, to understand the relations of otherness, we use as reference the thinking of Elias & Scotson (2000) to reflect on the relationship between “established and outsiders”. Succinctly, therefore, the main objective of this paper is to identify, analyze and establish relations between the constitution of Bolivian territories in the city, the different precarious solutions of poverty housing and the relations of otherness with the receiving society.

Keywords: Bolivian, poverty dwelling, alterity.

